

Maria O “Ponto de partida”

Na sua segunda Carta a Inês de Praga, Santa Clara fez uma exortação premente: “Não perca de vista seu *ponto de partida*” (2CtIn 11).

Para entender toda a força do que ela quis dizer, é preciso ter em conta que essa carta era uma resposta a uma questão também premente de Inês sobre o que deveria fazer diante de uma ordem recebida do papa para que tivesse propriedades.

Para Clara, não era uma questão simples. Para ela, não querer ter propriedades não era uma veleidade: estava no núcleo de seu compromisso de amor pessoal com Jesus Cristo. Alguns anos antes, quando o papa Gregório IX quisera forçá-la a ter propriedades e chegara a dizer: – “Se o seu problema é o voto de pobreza, você sabe que eu sou o papa e posso dispensá-la”, ela dissera com firmeza: – “Não me dispense de seguir o meu Senhor Jesus Cristo!”. Não se tratava de nenhum voto formal de pobreza, mas de viver como Jesus, de ter “os mesmos sentimentos de Jesus, que não se achou grande por ser Deus: pelo contrário, esvaziou-se até ser encontrado como um servo, como um de nós, para nos salvar” (Cf. Fl 2).

Desde o começo, é importante deixar bem claro um dos fundamentos da espiritualidade franciscariana: Por que Clara, como Francisco, quer seguir os passos de Jesus Cristo, crucificado e pobre?

São João disse que “Deus é Amor”. Ou Deus é o Amor? São Francisco diz que Deus é o Bem, todo o Bem, o sumo Bem... É outra maneira de dizer que “Deus é o Amor”.

Amar é dar-se. Quando nós amamos, nos damos à pessoa amada. Mesmo pensando que esse dar-se vai até o fim da vida, sabemos que nunca vamos nos dar totalmente, porque nunca chegaremos – pelo menos nesta terra – a nos conhecer inteiros para nos dar inteiros, nem a conhecer a pessoa amada inteira para nos dar a ela inteira. Mas Deus, o Deus Pai e Filho e Espírito Santo, quando ama se dá inteiro. Se Deus é capaz de se dar inteiro, nós podemos concluir – dentro de nossa maneira limitada porque humana – que não sobra nada.

Foi ao pensar que Deus se dá inteiro sem sobrar nada que Francisco e Clara chegaram à conclusão de que Deus é o maior pobre.

Uma conseqüência: Quando damos tudo, ficamos plenamente livres. Como São João chegou à grande afirmação “Deus é o Amor”, os Santos Padres chegaram à afirmação: Deus é a Liberdade. Então, Deus não é amoroso, ele é o próprio Amor. Deus não é livre, ele é a própria Liberdade.

Ora, se ele é todo o Amor, sempre que nós amamos vivemos o Deus Amor, partilhamos o seu Amor. Em outras palavras: estamos usando o Amor dele, estamos vivendo o Amor que Ele é. E se ele é toda a Liberdade, quando somos livres partilhamos da sua Liberdade. Em outras palavras: usamos a Liberdade dele, vivemos a Liberdade que Ele é.

Outra conseqüência: Quando o Verbo se fez Carne, esvaziou-se para nos ensinar a amar, esvaziou-se para nos ensinar a ser livres.

Mais uma conseqüência: percebemos melhor porque Francisco não entendia a obediência como um cumprir ordens, mas como um corresponder ao amor recebido. Entendemos porque Clara e Francisco quiseram seguir com tanto amor o Cristo crucificado e pobre: quanto mais eles amavam, mais se tornavam pobres; quanto mais pobres, tornavam-se mais livres. Pobres como Jesus, livres como Jesus.

Foi por isso que eles viveram um sponsal contínuo: um contínuo relacionamento de amor entre a própria pessoa e a pessoa muito concreta de Jesus Cristo.

* * *

Todos nós somos sedentos de amor, não é verdade? Todos nós somos sedentos de liberdade, não é mesmo? Teremos tudo isso na medida em que vivermos o nosso compromisso pessoal – o nosso compromisso sponsal – com Jesus Cristo. Aquele que se esvaziou para nos salvar.

Observemos: Salvar é a mesma coisa que libertar.

Por seu imenso amor a Jesus Cristo, Clara tinha partido da casa de seus pais sem propriedade alguma, totalmente livre depois de ter vendido e distribuído todos os seus bens, para “abraçar o Cristo pobre como uma virgem pobre”, como escreveu logo adiante na mesma Carta 2 a Inês de Praga, que fora agraciada pela mesma vocação.

Compreenderemos melhor essa maneira de dizer se nos lembrarmos de que para Clara – nesse ponto discípula de São Bernardo – virgindade era entendida de uma maneira significativamente diferente da nossa. É como se ela dissesse: “Sou tanto mais virgem quanto mais espaço dou dentro de mim para Deus”. Sua vida era um correr ao encontro do Cristo pobre como uma virgem pobre. Esse haveria de ser o ponto de chegada; já tinha sido o ponto de partida.

Por essa mesma razão, Clara insiste com Inês, na sua segunda carta, que

“em rápida corrida, com passo ligeiro e pé seguro, de modo que seus passos nem recolham a poeira avance confiante pelo caminho da bem-aventurança” (2CtIn 12).

A decisão de Clara é tão segura que ela tem a ousadia de dizer, logo adiante:

“Não confie em ninguém, não consinta com nada que queira afastá-la desse propósito, que seja tropeço no caminho para não cumprir seus votos ao Altíssimo na perfeição em que o Espírito do Senhor a chamou... Se alguém lhe disser outra coisa ou sugerir algo diferente, que impeça a sua perfeição ou parecer contrário ao chamado de Deus, mesmo que mereça a sua veneração, não siga o seu conselho. Abrace o Cristo pobre como uma virgem pobre” (2CtIn 14,17-18).

De fato, essa era a recomendação que São Francisco lhe dera pouco antes de morrer, quando lhe enviou a “Última Vontade”:

“Eu, Frei Francisco, pequenino, quero seguir a vida de pobreza do Altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe e nela perseverar até o fim. Rogo-vos, senhoras minhas, e vos aconselho a que vivais sempre nessa santíssima vida e pobreza. Guardai-vos bastante de vos afastardes dela de maneira alguma, *pelo ensinamento de quem quer que seja* (RSC 6,7-9).

Como as outras três, essa segunda carta de Clara a Inês fala da sua “espiritualidade dos esposais”, ou do caminho de relacionamento pessoal cada vez mais profundo entre a nossa pessoa e a pessoa de Jesus Cristo. Logo no início, Clara saúda Inês como “esposa digníssima de Jesus Cristo” (2CtIn 1-2). Depois recorda sua união “ao rei no tálamo celeste” (2CtIn 5), exortando-a a “olhar, considerar e contemplar o seu esposo, o mais belo entre os filhos dos homens feito por sua salvação o mais vil de todos, desprezado, ferido e tão flagelado em todo o corpo, morrendo no meio das angústias próprias da cruz” (2CtIn 20). No fim se despede dizendo: “Adeus, irmã querida, senhora minha pelo Senhor que é seu esposo” (2CtIn 24).

Realmente, a nota característica da espiritualidade de Santa Clara é ser uma “espiritualidade dos esposais”, com o mais sólido fundamento nas Sagradas Escrituras, nos Santos Padres e na experiência dos místicos que a precederam, como vamos ver.

“Abraçar o Cristo pobre como uma virgem pobre” vai ser a espinha dorsal do “ponto de partida” da espiritualidade de Santa Clara no estudo aprofundado que queremos fazer.

Para isso, devemos recordar alguns pontos:

Santa Clara nasceu em Assis, na Úmbria, Itália, em 1193 ou 1194 e morreu nessa mesma cidade em 1253. Com São Francisco, fundou a Ordem posteriormente chamada “das Clarissas”. É uma santa extraordinária, que esteve durante séculos à sombra de seu conterrâneo mais famoso, mas está sendo redescoberta como uma grande mestra espiritual desde o final do século XX. Neste nosso trabalho, estamos tentando apresentar – de maneira sucinta, mas bem fundamentada – como podemos entender a sua espiri-tualidade. Porque, além de ter colaborado validamente para o que sempre se conheceu por espiritualidade franciscana, ela teve valores muito próprios. Tanto que, a partir do século XX, começou-se a dizer que a espiritualidade do movimento franciscano pode ser chamada de espiritualidade *francis-clariana*.

Nós vamos entendê-la à luz do que a Igreja conhece como *espiritua-lidade dos esponsais*, falando mesmo em *teologia dos esponsais*.

1.1. Espiritualidade

A palavra espiritualidade vem do latim *spiritus*, que quer dizer sopro, vento, impulso e, por isso mesmo, já tem um sentido dinâmico. O amor dos esponsais não é parado. Penetra sem cessar no mistério sem fim do Amor.

Mas também pensamos claramente no Espírito de que o Antigo Testamento já falava: uma força de Deus. Jesus revelou que, na realidade, ele era o *Espírito Santo*, uma das Pessoas da Trindade. Mais do que isso: na revelação de Jesus, Ele é o Paráclito ou companheiro chamado para ficar conosco e morar em nossos corações. Lá dentro, exerce a mesma função que tem na Trindade: é o turbilhão avassalador do amor entre o Pai e o Filho.

Hoje, usamos a expressão espiritualidade até para falar da visão que outras religiões têm sobre Deus. Para nós cristãos, lembra aquela força que perpassa toda a Bíblia, desde quando “a terra era vazia e confusa” até quando a humanidade – e cada um de nós – vai saber dizer no mais autêntico uníssono com o Espírito Santo: “Vem, Senhor Jesus, vem!”.

A Igreja é rica de “espiritualidades”, como a beneditina, a cisterciense, a carmelita, a inaciana, e falamos até em “espiritualidade conjugal”. Nós vamos falar mais na “franciscariana”, mas todas elas vivem esse valor dos esponsais.

Espiritualidade é um caminho. Precisamos conhecer o próprio caminho e ter boa companhia. O caminho que Santa Clara apresenta é Jesus, aquele que disse “Eu sou o caminho”. São Francisco também falava em “seguir os vestígios de Jesus crucificado e pobre”.

1.2. Esponsais

Na prática, a palavra *Esponsais* é um sinônimo de casamento: da celebração do compromisso entre um homem e uma mulher. Pode ser a união mais profunda e duradoura entre duas pessoas e, por isso, é excelente para falar do compromisso que o Deus da Bíblia quis estabelecer com a humanidade e com cada um de nós.

Tertuliano, um dos grandes Padres da Igreja nos primeiros séculos, já tinha dito que as virgens consagradas eram “esposas de Cristo”. Em tempos mais recentes, essa expressão foi mal entendida e ridicularizada, como se quisesse dizer que alguém é uma “mulher de Jesus”, ou algo parecido. Não é isso. Recordo que a raiz da palavra *esponsal*, como a de *esposo* ou *esposa*, é a mesma de *responder*, *responsabilidade*, *corresponder*. E, “pessoas consagradas” no batismo, também nós somos esposos.

Recordo também que foi o próprio Deus quem se chamou de Esposo do Povo da antiga e da nova Aliança. E nos convida a ser a esposa, como povo e como indivíduos, sem importar se somos mulheres ou homens. O importante é o compromisso pessoal que assumimos de corresponder a Deus. E não perder de vista que o laço que Deus quer estabelecer conosco é de amor. Mesmo o pacto social que estabeleceu com o povo de Israel foi sempre envolvido de afeto e de carinho.

A proposta cristã também vê a realização de toda pessoa humana – e de toda a raça humana – numa união perfeita em que seremos felizes porque “Deus vai ser tudo em todos”.

1.3. Linguagem simbólica

Quando falamos em esponsais, estamos usando uma linguagem simbólica: comparamos nosso relacionamento com Deus ao relacionamento entre os esposos. Até quando falamos em espiritualidade estamos usando linguagem simbólica. Dizemos: “é como o *spiritus*, o vento”. Foi o símbolo que Jesus usou quando conversou sobre o novo nascimento com Nicodemos. O homem sempre procurou usar uma linguagem que lhe permitisse expressar o inefável. Para isso, usa os símbolos. Por isso, inventou as artes.

A palavra *símbolo* pode ter muitos usos: Há símbolos na matemática e na química, na poesia, na mística. O *símbolo* era originariamente um sinal para reconhecer alguma coisa ou pessoa, e exigia um complemento. Por isso é importante notar: a linguagem simbólica só se aproxima – não resolve de uma vez – de uma realidade que a ultrapassa e que ela não consegue explicar.

O ser humano já foi chamado de “animal que fala”. Nisso é diferente de todos os outros seres e, por isso, pode de alguma maneira recriar seu mundo: o interior e o exterior, dando-lhes nomes, chamando, narrando. Mas é o seu ser inteiro que comunica, até com uma *linguagem não verbal*. Pode dizer muito mais com um olhar do que com um livro e mostrar o que pensa com um gesto. Mesmo assim, há realidades que não dá para expressar: são *inefáveis*.

1.4. Sol e Lua

Os *esponsais* de que falamos são uma expressão simbólica em que nossa relação com Deus é comparada à relação entre o homem e a mulher. É histórica e essencial uma tensão entre homem-mulher. O homem sentiu-se muitas vezes *vítima* de uma mulher tentadora, ou temida por seu mistério. Outras vezes, sentiu-se *salvador* da mulher frágil. A partir daí, pôs a mulher em segundo lugar, para defender-se ou para defendê-la. Mas a tensão é positiva: dela nasce vida.

Os antigos já tinham percebido que há uma diferença grande entre ser homem-mulher e ser macho-fêmea como entre os animais e as plantas: não somos homens e mulheres só para nos reproduzir. Mais que tudo, é para nos relacionar. E o relacionamento pressupõe que haja de parte a parte algo masculino e algo feminino. Em linguagem simbólica, chamaram o masculino de Sol, e o feminino de Lua.

Um ser humano Mulher apresenta exteriormente um predomínio da Lua (palavra simbólica para feminino), mas tem interiormente um equilíbrio solar, que permite que ela se relacione com o homem e seja plenamente humana.

Um ser humano Homem apresenta exteriormente um predomínio do Sol (palavra simbólica para o masculino), mas tem interiormente um equilíbrio lunar, que permite que ele se relacione com as mulheres e seja plenamente humano. Alguns gregos antigos já tinham dito que somos plenamente humanos quando realizamos interiormente um *hierós-gámos*, isto é, um casamento sagrado entre Sol e Lua que moram em nosso interior.

O homem e a mulher não estão um *ao lado* do outro, mas um *diante* do outro, numa oposição que não contradiz, mas afirma o outro. A oposição polar comporta uma reciprocidade que assume o outro, mas não o anula. São duas realidades que não se confundem, não derivam uma da outra, mas não podem ser pensadas isoladamente. Homem e mulher vivem a realidade inteira a partir de seu sexo.

Como a Bíblia nos ensina, é nessa linha que podemos pensar em um relacionamento mais objetivo entre cada um de nós e Deus.

1.5. Mística

Diante do mistério que o transborda, o homem expressa sua incapacidade de falar pelo silêncio, pela mística: quer designar realidades secretas da ordem religiosa e moral. Mística vem do grego *myo* = fechar os olhos ou a boca: para não ver o segredo e para não revelar nada. O silêncio é saudável. Na linguagem do amor, feita de palavras e de silêncios, nós nos movemos num modo de falar que pode parecer impreciso para quem não descobriu a precisão da arte, tão carregada de força e de verdade. Nela, o homem se ajoelha para recolher as riquezas do mistério. Celebra-o. Quando o mistério é muito grande, adora. Mas não foge do mistério, vive dele.

Desde que tomou consciência das realidades que existem ao seu redor e de que têm um nexos entre eles mesmos, os humanos foram místicos. E o fato de muitos terem perdido o uso da mística quando encontraram algumas explicações racionais não acabou com ela. Os místicos cresceram. Vamos nos dedicar, aqui, apenas aos místicos dos tempos antigos e medievais que

viveram da revelação bíblica porque queremos que os medievais Clara de Assis e Francisco nos ajudem a viver a mística do século XXI em diante.

Para todos esses místicos, o mistério maior é o Amor. E o amor é re-lação. E nós vamos dar a maior seriedade possível a esse aprofundamento. Já foi dito: “*O homem do terceiro milênio vai ser um místico ou não vai ser nada*”.

1.6. A Trindade e o ser humano

Assim como as perfeições invisíveis do Criador podem ser contem-pladas em suas obras, especialmente na grandeza e beleza de suas criaturas, nosso ser homem-mulher é um especial reflexo da Trindade: do que ama (o Pai), do que é amado (o Filho) e do Amor (o Espírito Santo).

O encontro afetivo entre o homem e a mulher carrega em si um convite para se descobrir e se dar progressivamente que inclui uma abertura para o transcendente, porque nos convida a ultrapassar a nós mesmos. Em toda relação amorosa em que há uma abertura para o mundo sobrenatural, eterno e infinito, há uma superação da relação como tal, no sentido de que a própria dinâmica da experiência leva a penetrar em uma forma suprema de comunhão inter-pessoal: a que acontece entre seres que se comunicam em Deus, a quem buscam juntos e amam juntos.

Na Bíblia, Deus mesmo comparou o amor que tem por nós ao amor entre o homem e a mulher. A partir dessa realidade nossa e da revelação de Deus ao seu Povo, vamos olhar a realidade e viver o concreto de nossa vida na perspectiva da espiritualidade dos esponsais.

Em Santa Clara, a dimensão trinitária foi posta como um fundamento desde que São Francisco, à sua entrada na Ordem, lhe propôs como “Forma de Vida”, incluída mais tarde por ela no coração da sua *Forma de Vida*, isto é, da sua Regra, aprovada por uma bula de Inocêncio IV em 1253. É uma proposta que pode ser entendida em sua plenitude quando consideramos outros dois escritos de São Francisco: a *Antífona* de Nossa Senhora que ele colocou no *Ofício da Paixão*, e o início da *Carta aos Fiéis*.

Os textos são os seguintes:

a). Forma de Vida

“Desde quem por inspiração divina, vos fizestes filhas e servas do Altíssimo Sumo Rei Pai celeste e desposastes o Espírito Santo, optando por uma vida de acordo com a perfeição do Santo Evangelho, eu quero e prometo, por mim e por meus frades, ter por vós o mesmo cuidado diligente e uma solicitude especial, como por eles” (RSC 6,3-4).

b). Antífona de Nossa Senhora

“Santa Virgem Maria, não nasceu nenhuma semelhante a vós entre as mu-lheres neste mundo, filha e serva do altíssimo sumo Rei e Pai celeste, Mãe do nosso santíssimo Senhor nosso Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo: Rogai por nós com São Miguel Arcanjo e todas as virtudes dos céus e todos os santos junto a vosso santíssimo dileto Filho, Nosso Senhor e Mestre! Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Como era no princípio, agora e sempre, Amém!”

c). Carta aos Fiéis

“Oh! como são bem-aventurados e benditos, eles e elas, enquanto fazem essas coisas e nelas perseveraram, porque *descansará sobre eles o espírito do Senhor* (cf. Is 11,2) e neles fará sua casa e *morada* (cf. Jo 14,23), e são filhos do Pai celeste (cf. Mt 5,45), cujas obras fazem, e são esposos, irmãos e mães de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Mt. 12,50). Somos esposos, quando pelo Espírito Santo une-se a alma fiel a nosso Senhor Jesus Cristo. Somos seus irmãos quando fazemos a vontade do Pai que está nos céus (Mt 12,50).

Mães, quando o levamos em nosso coração e em nosso corpo (cf. 1Cor 6, 20), pelo amor divino e a consciência pura e sincera; e o damos à luz pela santa operação, que deve iluminar os outros com o exemplo (cf. Mt 5,16). Oh! como é glorioso, santo e grande ter nos céus um Pai! Oh! como é santo ter tal esposo: paráclito, belo e admirável! Oh! como é santo e dileto ter tal irmão e filho, agradável,

humilde, pacífico, doce, amável e sobre todas as coisas desejável: Nosso Senhor Jesus Cristo!”
(1CtFi 5-13).

* * *

Não continue a ler este escrito sem ter a certeza que já assimilou os diversos princípios apresentados nesta Introdução. Volte a eles de vez em quando. Não perca de vista o seu ponto de partida. Nós queremos ser humanos: cada um de nós necessita no mais profundo do seu ser abraçar o Cristo pobre como uma virgem pobre.

1.7. Um cântico de Amor

A espiritualidade de Clara parte da união com o Cristo Esposo numa intensa comunicação amorosa, que transbordou na forma de um cântico.

Ela aprendeu e praticou esse relacionamento cantado com Francisco.

Ela se encontrou com a linguagem amorosa nos místicos que lhe falaram do Cântico dos Cânticos.

Através dos místicos ela foi encontrar o Cântico nos Santos Padres.

Através dos Padres ela foi encontrar o Cântico na Bíblia.

Através da Bíblia ela repassou os pactos de aliança como Povo,

Vestiu-se de Sol,

Coroou-se de estrelas,

Apoiou-se na Lua,

E clamou com o Espírito: Vem, Senhor Jesus! Vem!

Fazendo-o nascer cada dia numa continua atualização da Encarnação.

A celebração da Encarnação é celebração da morte e da ressurreição. Encarnação, morte e ressurreição continuam porque nós continuamos. Vamos continuar até que todos os humanos estejamos reunidos para celebrar a ceia com o Cristo-Esposo na eternidade.

Toda a vida de Clara foi um cântico de amor. Como vai ser a nossa para sempre. Um transbordamento da alegria de amar e de se saber amado.